



# História Cultural

VII Simpósio Nacional de História Cultural

**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

## **INFÂNCIAS NAS PÁGINAS DO JORNAL A UNIÃO (1930/1940): A INSTITUCIONALIZAÇÃO DE UM NOVO MODO DE SER CRIANÇA SOB A AÇÃO DAS PRÁTICAS ESCOLARES\***

Valdirene Pereira de Sousa\*\*

### **PRIMEIRAS PALAVRAS...**

Esse artigo tem como objetivo investir na problematização das representações da infância e da criança, nos discursos pedagógicos no cenário paraibano nas décadas de 1930-1940, através das narrativas do jornal A União<sup>1</sup>, um periódico que se apresenta como espaço de sobreposições de memórias oficiais e que tomo como instrumento analítico para pensar a articulação discursiva em torno da instituição do(s) lugar(es) de infância.

Atenho-me principalmente na análise dos enunciados de infância que estão relacionados a uma trama discursiva que evoca a ideia de escolarização como acontecimento constituinte da infância. A ideia de que ser criança, bastante presente nos periódicos, naquele contexto espaço-temporal, era ser aluno, e, portanto, a visibilidade do

\* Este artigo é parte da discussão pretendida no projeto de tese intitulado: Maquinando rostidades para infâncias: Histórias de sensibilidades infantis e dispositivos escolares para crianças na Paraíba (1930/1945)

\*\* Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: valufsc@gmail.com

<sup>1</sup> Jornal oficial do governo do Estado da Paraíba. É o mais antigo jornal paraibano em circulação, foi fundado em Fevereiro de 1893. A consulta desse jornal foi realizada no acervo da Biblioteca Municipal Dr. Silvino Olavo da cidade de Esperança-PB.

sujeito infante só se tornava uma possibilidade discursiva porque visava atender às prerrogativas de um projeto político que tinha a instrução como meio para se alcançar o pretenso desenvolvimento do país, como um dos elementos mais significativos na consolidação de um panorama progressista e civilizacional que deveria ser consolidado no Estado Novo.

Mas de que ordem era essa visibilidade? Ou dito de outra forma, o que se tornava visível sobre a infância segundo os enunciados inscritos em uma prática discursiva relacionada com os campos da pedagogia e da medicina? Emaranhadas nesses campos do saber, é que as infâncias começam a ser ditas e/ou não-ditas nas páginas do jornal analisado.

Para mapear os ditos sobre essa infância institucionalizada, utilizo como ferramenta metodológica a análise do discurso segundo a perspectiva da teoria foucaultiana. O diálogo com este autor tem me possibilitado investir na desnaturalização e problematização das categorias etárias enquanto construções discursivas delimitadas pelos dispositivos de poder que objetivam a institucionalização dos lugares etários e a ordenação dos sujeitos. Dentre outras questões mais específicas, Foucault nos incentiva a perceber os discursos, não apenas como um conjunto de signos, mas como prática social, como construções históricas e políticas que refletem determinadas regras de produção dentro de uma ordem discursiva.

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.<sup>2</sup>

Além dos elementos linguísticos, “o texto dos discursos tem uma espessura própria, tem uma experiência própria, tem regras de constituição e de produção, tem uma

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986, p. 56

estrutura interna que precisa ser analisada”<sup>3</sup>, nesse viés de análise, os discursos precisam ser interrogados enquanto artefatos narrativos, pois estão inscritos dentro de relações de poder e de saber de seu tempo. Ao compartilhar com as sugestões metodológicas que a perspectiva foucaultiana possibilita, procuro lançar um olhar sobre a fonte jornalística e interrogá-la como instrumento narrativo que está em relação com alguns campos de saber na instituição de determinadas verdades sobre a infância. Lanço mão, portanto, dos discursos presentes nos periódicos para pensar as regularidades que permitem (in)visibilizar sentidos para a infância dentro uma prática discursiva.<sup>4</sup>

### AS INFÂNCIAS ESCOLARIZADAS

Os primeiros anos do século XX no Brasil foram marcados por um cenário de reformas justificado pelos discursos higienistas, civilizatórios, modernizadores e progressistas, com vistas à construção da nação brasileira e de um povo que acompanhasse os propósitos modernistas. A influência do ideário “escolanovista”<sup>5</sup> começava a se firmar e ganhar maior significância no Brasil principalmente a partir dos anos 1930, desse modo, há uma grande preocupação por parte do governo com a elaboração e implantação de políticas educacionais que pudessem instruir o Brasil nessa perspectiva renovadora.

Uma das mais fortes exigências do momento actual, em todo o mundo civilizado, é, indiscutivelmente, a criação de uma mentalidade nova, por meio de uma intensa campanha educacional, imprimindo-se ao regime escolar rumos definidos capazes de preparar gerações de suas pátrias, gerações que possam garantir às suas nacionalidades destinos gloriosos dignos de suas tradições e da civilização contemporânea.<sup>6</sup>(Sic.)

<sup>3</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 201, p. 237.

<sup>4</sup> Para Foucault, o conceito de prática discursiva relaciona-se a “(...)um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.” FOUCAULT, Michel, op. cit. p.136

<sup>5</sup> O movimento da Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino que exerceu grande influência na maneira de pensar a educação aqui no Brasil, principalmente, na primeira metade do século XX. Discutiremos mais adiante como se deu a influência desses ideais nas políticas educacionais nacionais e paraibanas.

<sup>6</sup> A UNIÃO, 12 de Fevereiro de 1938, p. 1

O Brasil que já forma no roll dos países civilizados, vem, de há muito, cuidando da criança, procurando despertar o interesse da coletividade brasileira para o seu maior equilíbrio racial, numa puericultura sadia e orientada. As crianças já são olhadas com mais interesse, não só pelos pais, como, também pelos educadores e os poderes competentes. (...) <sup>7</sup>

A expansão desses dispositivos escolares atinge sobremaneira o cenário paraibano ao longo das décadas de 1930 e 1940, que ao recepcionar esses discursos (re)fabrica condutas disciplinares pautadas em um novo modelo educacional.

Sabe-se que, desde sua ascensão ao governo, o interventor Argemiro de Figueiredo vem dispensando uma atenção toda especial ao magno problema, construindo grupos escolares e escolas isoladas, subvencionando escolas particulares, transformando a Paraíba num amplo viveiro onde milhares de espíritos infantis se instruem, sob os cuidados de mestres ilustres e dedicados.<sup>8</sup>

A Paraíba, - sob a orientação esclarecida de Ruy Carneiro- parcela conciente deste Brasil que se preocupa com os seus problemas vitais, não tem esquecido um só instante a criança- esse homem reconhecido de amanhã! Na Paraíba a criança é olhada desde o estado fetal e acompanhada com interesse a sua evolução organica até quando civilmente se considera paraibana [...] <sup>9</sup>

Como descrevem as reportagens das décadas de 1930 e 1940, respectivamente, os olhares políticos, pedagógicos, médicos, entre outros, se voltavam para a criança, enquanto sujeito que precisava de atenção e cuidados específicos por parte de uma sociedade ávida pela operacionalização dos caminhos normativos utilizados para construção de uma ordem civilizacional e progressista, além de apresentar o Estado da Paraíba como espaço articulador dos ideais de progresso e de civilização, ao enfatizar que este seguia os caminhos educacionais pensados sob os auspícios de uma “mentalidade nova<sup>10</sup>” acionada nacionalmente pelas políticas públicas em torno da escolarização. O que preponderantemente estava em jogo, nesse contexto discursivo analisado, era a preocupação em modelar o sujeito infantil pelo viés da escolarização e da pedagogização dos corpos e mentes, para atender as necessidades de construção de um projeto

<sup>7</sup> A UNIÃO. A criança. De Castro e Silva. 17 de Outubro de 1944

<sup>8</sup> Idem

<sup>9</sup> Idem

<sup>10</sup> Essa “mentalidade nova” defendida pelos formuladores das políticas educacionais estava baseada nas diretrizes criadas pelo movimento da Escola Nova.

educacional moderno que inserisse a Paraíba nos rumos do progresso, da civilidade e de uma pretensa modernização defendida em âmbito nacional.

Nesse sentido, a produção de novos sujeitos: a criança-aluno e, conseqüentemente, o adulto civilizado, a constituição de novas relações de autoridade e de novas formas de comportamento se torna um dos principais balizadores na operacionalização desse projeto modernizador. Cabe pensar também, nesse contexto, se o governo desses lugares de infância considera as condições sociais, raciais e de gênero na constituição das individualidades e identidades infantis paraibanas.

A escolha das décadas de 1930 e 1940<sup>11</sup> como demarcação temporal, é bem sintomática em termos políticos. Principalmente porque traz a possibilidade de problematização da conjuntura político-educacional que estava se estruturando em âmbito nacional, com a chegada de Vargas ao poder, sendo também difundida veementemente para todos os Estados, dos quais destaco o Estado da Paraíba. Uma nova política assentada em ideais mais populistas, com a introdução de novas ideias educacionais conjuntamente ao processo de expansão do ensino.

Nesse sentido, o que estava sendo posto pelos discursos jornalísticos oficiais, principais difusores desse panorama político, era a enunciação de uma nova racionalidade política investida pelo projeto de civilidade e progresso que tomava urgentemente, a infância como objeto de intervenção disciplinar com vistas a desenvolver uma pedagogização educacional de seus corpos e subjetividades por meio da escolarização. Uma série de realizações dirigidas direta e indiretamente à infância, como a criação do Departamento Nacional de Educação, do Ministério da Educação e Saúde e de várias Instituições de Assistência à Infância, além de várias medidas sociais e educacionais, são articuladas dentro da política realizada por Getúlio Vargas em âmbito nacional, estendidas aos seus Interventores em âmbito estadual, para racionalização dos lugares etários.

E, nesse sentido a categoria infância começava a preocupar a dinâmica social e se tornou o principal alvo de abordagem etária. É especialmente dentro do recinto da instituição escolar que a pedagogização das subjetividades infantis é enfatizada pelos

<sup>11</sup> Antonio Carlos Ferreira Pinheiro afirma que durante essas décadas a Paraíba vivenciou um período de grande euforia educacional. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002, p. 182. (Coleção educação contemporânea)

ordenadores das políticas públicas educacionais. A instituição escolar vai ser posta como principal instrumento de controle dos sujeitos, de modelagem de seus corpos e mentes. Conforme destaca Naradowski,

[A escola é] (...) o ponto de chegada e o ponto de partida da pedagogia, ela é o conditio *sine qua non* do discurso pedagógico moderno. Ela representa a justificação da pedagogia enquanto disciplina humana, mas também constitui o campo real que pertence ao discurso pedagógico e no qual esse deve atuar: educando, disciplinando, instituindo, desenvolvendo.<sup>12</sup>

A institucionalização da infância pelos discursos pedagógicos, jurídicos, médicos, entre outros, começavam a se articular socialmente, apresentando a preocupação de fabricar paradigmas de proteção e de acolhimento às crianças, a partir de uma abordagem etária dos corpos. A ampliação da educação e a preocupação com o tempo livre arregimentavam os debates políticos em torno dessa infância que começava a preocupar a dinâmica social. E nesse viés discursivo, a instituição escolar vai ser pensada como possibilidade de controle dos sujeitos, de modelagem de corpos e mentes e como espaço privilegiado para a naturalização de condutas femininas e masculinas. A influência do ideário “escolanovista”<sup>13</sup> começava a se firmar e ganhar maior significância no Brasil nos anos 1930, desse modo, há uma grande preocupação com a elaboração e implantação de políticas educacionais que pudessem instruir o Brasil nessa perspectiva renovadora, conforme destaca o professor José Baptista de Mello, Diretor do Ensino Primário no governo de Antenor Navarro (1930-1932) em relatório dirigido à Secretaria do Interior da época:

É do conhecimento de V.Excia o avanço que vem se operando em todos os ramos de ensino, cujos processos, hoje seguidos, visam dar à escola uma feição mais prática e mais útil.

A escola nova, vitoriosa em toda parte, veio alterar, completamente, o ensino primário, que, atualmente, obedece a uma orientação mais consentânea às necessidades do aluno.

<sup>12</sup> NARODOWSKI, Mariano. Adeus à infância (e a escola que a educava). In: SILVA, Luiz Heron, (org.). Porto Alegre: SMED, 1998. p.173.

<sup>13</sup> Ideário da Escola Nova, criado nos Estados Unidos, teve como maior pensador John Dewey, se fundamentava pela nova maneira de pensar a educação, centrando suas preocupações na reorganização interna das escolas e no redirecionamento dos padrões didáticos e pedagógicos, ao enfatizar o método de ensino e de aprendizagem tendo como foco a criança e seus interesses educacionais. (SILVA, 2006, p. 19-20)

A escola tradicional vai, aos poucos, sofrendo os influxos dos novos processos pedagógicos, de modo a garantir melhor educação ao nosso povo.

Assim é que, por toda parte, instalam-se novos tipos de educandários, com feição essencialmente prática, transformando o ambiente escolar em verdadeiros centros de trabalho e de socialização. O aluno vai aprendendo executando. É o artífice, é o homem prático do dia de amanhã.

(...)Esforçamo-nos para que o nosso Estado não fique indiferente a esse movimento de renovação que sacode todos os espíritos adiantados.<sup>14</sup>

Segundo Oliveira<sup>15</sup> “O século XX, inegavelmente, assistiu a uma expansão do ensino formal. Políticos e educadores se “uniram” objetivando construir uma nação mais igualitária, com menores taxas de analfabetismo e com currículos reformados.” A expansão desses dispositivos escolares atingiu o território paraibano, que ao recepcionar esses discursos (re)fabricou as condutas disciplinares pautadas no novo modelo educacional, referendado pelo momento de “euforia educacional”<sup>16</sup>

As notícias que circulavam nos jornais locais eram enunciadoras e defensoras de uma pedagogia escolarizada como caminho para o progresso social. Ao investigarmos as narrativas jornalísticas percebemos a preocupação por parte dos governantes locais, em atender as diretrizes pensadas pelas políticas educacionais em âmbito nacional e enfatizar a convergência de interesses.

O decreto assignado hontem pelo Sr. Interventor Federal, neste Estado, que dispõe sobre a organização escolar parahybana, imprimindo uma orientação nova á educação em nossa terra, não produzirá os seus effeitos nos primeiros tempos de sua execução, pois, somente após algum tempo, quando começarem a surgir as primeiras turmas de jovens, educados sob esse regime é que poderemos então sentir o alto espírito que animou o Chefe do Governo, ao assignar um decreto de tanta relevância para o progresso da terra comum.<sup>17</sup>(sic)

<sup>14</sup> MELLO, José Baptista de. **Evolução do Ensino na Paraíba**. 2ª ed. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956, p. 100

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Iranilson B. **Façamos a Família à nossa Imagem: a construção da Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30)**. Recife, 2002, tese (Doutorado em História) CFCH, Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>16</sup> De acordo com PINHEIRO, A.C.F. **Da era das cadeiras isoladas à era dos Grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002, durante as décadas de 1930 e 1940 a Paraíba viveu um período de euforia educacional, devido entre outras coisas, à construção e expansão dos grupo escolares e ao aumento de matrículas e diminuição da evasão escolar.

<sup>17</sup> A UNIÃO. **Novos rumos á educação na Parahyba**\_12 de fev. de 1938, p. 1

Nesse trecho citado acima, temos uma referência aos princípios de nacionalização e civilização presentes nas discussões educacionais propostas pelo Estado Novo que investia em políticas de expansão de grupos escolares<sup>18</sup> e no aumento do número de vagas nas escolas. Os discursos investiam na construção de um lugar para o Estado da Paraíba associado a ideia de modernização, ao enfatizar que este estava seguindo os caminhos educacionais pensados sob os auspícios de uma “mentalidade nova” acionada nacionalmente pelas políticas públicas em torno da escolarização.

Dessa forma, percebe-se que a preocupação em anunciar a educação paraibana em conformidade com as propostas educacionais que se arregimentavam em âmbito nacional era algo muito presente nos discursos do *Jornal a União*. Um discurso normatizado, com uma orientação centralizada, a serviço de um projeto político estabelecido durante todo o governo Vargas, que não traz a preocupação de apresentar o caráter plural e heterogêneo dos sistemas simbólicos na representação das infâncias, mas constrói toda uma rede de enunciação que apresenta a concepção de infância imbrincada ao papel das instituições voltadas para sua educação, uma infância atrelada ao desenvolvimento e ao progresso da nação.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981..AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade. In: Simson, O.R.M.Von.(org.) **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 213-222.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Infância e maquinarias**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002.

BURKE. Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

<sup>18</sup> Sobre grupos escolares na Paraíba ver PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002. (Coleção educação contemporânea) e SILVA, Maria Raquel. Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e grupos escolares (1935 a 1945) dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e Educação** – Era uma vez – quer que conte outra vez? Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DEACON e PARKER, Roger e Ben. Escolarização dos Cidadãos ou Civilização da Sociedade? IN: SILVA, Luiz Heron da (org.). **A Escola no Contexto da Globalização**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. (org.) Prefácio. **Cadernos Cedes**. Infância e educação: As meninas, (56), 2002a, p.2-4.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREITAS, Marcos César de. **História Social da Infância no Brasil**. 5ª edição. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

GONDRA, José. (org.) **História, Infância e Escolarização**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez, 2006.

MELLO, José Baptista de. **Evolução do Ensino na Paraíba**. 2ª ed. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956, p. 100

NARODOWSKI, Mariano. Adeus à infância (e a escola que a educava). In: SILVA, Luiz Heron, (org.). Porto Alegre: SMED, 1998. p.173.

OLIVEIRA, Iranilson B. **Façamos a Família à nossa Imagem**: a construção da Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30). Recife, 2002, tese (Doutorado em História) CFCH, Universidade Federal de Pernambuco.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002, p. 182. (Coleção educação contemporânea)

VIDAL, Diana G. **Escola Nova e processo educativo**. In: LOPES, Eliane Marta T.; FARIA FILHO, Luciano M; VEIGA, Cynthia G. **500 anos de educação no Brasil**. (3 ed.). Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

### Fontes Documentais

A UNIÃO. **Novos rumos á educação na Parahyba**\_12 de fev. de 1938, p. 1

A UNIÃO, 12 de Fevereiro de 1938, p. 1

A UNIÃO. A criança. De Castro e Silva. 17 de Outubro de 1944